

Milton Giglio

Qual sua formação e como começou a trabalhar com iluminação?

Minha formação inicial foi no palco e meu primeiro contato com iluminação cênica foi em 1988. Até então, estudava informática e trabalhava com produção de eventos nas horas vagas, o que me deu um “time” mais acelerado e me ajuda até hoje nos projetos. Depois estudei iluminação cênica na antiga Fundacen e comecei a fazer teatro, onde trabalhei com grandes diretores e tive a oportunidade de aprender com grandes espetáculos. A partir de 1992, tive o primeiro contato com a dança. Fui iluminador de uma companhia de dança contemporânea por 18 anos, acompanhando turnês pelo Brasil e por mais de 20 países. Nas viagens, cuidava da direção técnica e da iluminação. Aos poucos fui me aproximando da iluminação arquitetural e tenho um escritório no Rio de Janeiro desde 2005.

Quais foram os trabalhos mais importantes da sua carreira até hoje?

Sem dúvida foi o Espaço Brasil – sede brasileira das comemorações do “Ano do Brasil na França”. Foi um grande desafio ter que ir para Paris apresentar e defender meu projeto. O resultado foi melhor que o esperado e até hoje mantenho parcerias dessa época. Outro trabalho do qual me orgulho muito é o da iluminação monumental do Palácio Guanabara, sede do governo do Rio de Janeiro, 100% com LED. Trabalhos em iluminação cênica também têm uma importância muito grande na minha trajetória. Hoje, mantenho parcerias com algumas construtoras e escritórios de arquitetura que são muito importantes na minha vida profissional.



Oriundo da iluminação cênica, acredita que estar conectado com o mundo, ter o olho treinado e se manter atualizado é essencial.

Entrevista concedida a Erlei Gobi

Segundo a Resolução Nº 51 do CAU, somente arquitetos podem realizar projetos de arquitetura de iluminação. Você concorda com isso?

Entendo a preocupação deles, mas sou parcialmente contrário. Não acho que um diploma forneça garantia de um bom projeto. O que tenho visto é muito projeto acadêmico; profissionais com formação venderem projetos baratos a preços muito abaixo do mercado e de qualidade duvidosa. Conheço alguns bons profissionais que não são arquitetos e fazem projetos ousados e maravilhosos, tecnicamente perfeitos.

No meu escritório, já recebi arquitetos com pós-graduação em iluminação que não sabiam diferenciar uma lâmpada halógena de uma incandescente, só na teoria, mas na prática... e quase sempre

recorriam a apostilas para resolver questões simples. Continuo achando que a prática é uma boa escola. Em minha opinião, deveria ter algum critério de estabelecer quem é qualificado e quem não é.

Em sua opinião, que tipo de formação um lighting designer deve ter?

A iluminação cênica forneceu ferramentas que me auxiliam até hoje: saber buscar a melhor angulação, o melhor equipamento, posicionamento e fixação. Como trabalhamos com arte, ter conhecimento da história da arte ajuda muito. Também iluminamos espaços que serão ocupados por outras pessoas, então é fundamental provocar alguma emoção. Estar conectado com o mundo, ter o olho treinado para pequenos detalhes e se manter sempre atualizado com os fabricantes ajuda. Ter noção de engenharia e se aprofundar em bons projetos de arquitetura auxilia na leitura mais apurada dos projetos.

Como vai o mercado de iluminação na área de projetos no Rio de Janeiro? Há demonstrações de crescimento em função dos eventos esportivos mundiais de 2014 e 2016?

O mercado no Rio de Janeiro está aquecido, não tenho do que reclamar... há espaço para todos. Tenho recebido fornecedores com equipamentos de qualidade e sempre repasso aos meus clientes. Hoje trabalhamos muito com bens tombados e a cidade tem muitos monumentos históricos. Nos últimos anos, temos dado muita atenção aos LEDs e os resultados têm sido surpreendentes, com clientes muito satisfeitos. ◀